

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A PRODUÇÃO DA INVISIBILIDADE SOCIAL DAS VÍTIMAS NOS PROGRAMAS JORNALÍSTICOS DO BAHIA MEIO DIA

Andressa Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: contatoandressaoliveira04@gmail.com

Márcia Lemos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marcialemos.uesb@gmail.com

576

INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres faz parte do processo histórico de formação do patriarcado e a partir das transformações econômicas, sociais, políticas e culturais engendradas pela humanidade, a luta pela igualdade de direitos e pelo fim da violência de gênero foi ganhando novos direcionamentos. A conquista de direitos como o voto, a pílula anticoncepcional e o acesso à educação formal trouxe perspectivas distintas sobre a condição da mulher em sociedade. Porém, as mudanças, frutos de resistência e revoluções, ainda são limitadas estruturalmente por um sistema que invisibiliza e silencia as mulheres.

O presente trabalho pretende discutir, a partir de uma abordagem interdisciplinar, como uma pesquisa de mestrado em andamento, a divulgação dos casos de violência doméstica durante a pandemia de covid-19 na Bahia e a produção da invisibilidade e do silenciamento das vítimas na construção das narrativas jornalísticas do Bahia Meio Dia, um programa que pertence a grade do jornalismo diário afiliado à Rede Globo na Bahia. Como fonte para a elaboração da pesquisa serão utilizados todos os programas exibidos pela Rede Bahia entre março a dezembro de 2020. No período dos 10 meses, foram produzidos 262 programas jornalísticos. Com base nessa totalidade será realizado um recorte e uma seleção, que está em andamento, para destacar somente as reportagens que relataram denúncias e crimes de violência doméstica. A escolha do programa se deve a sua liderança em números de audiência na Bahia¹ e ao seu vínculo com uma rede de mídia

¹ Pesquisa do site O Canal apontou que o programa Bahia Meio Dia é o segundo no ranking de audiência de programas jornalísticos no estado. Disponível em: < <https://ocanal.com.br/bahia-meio-dia-cresce-na-audiencia-mas-permanece-em-2-lugar-nesta-sexta-feira-13/>>. Acesso em: 26 de abr. de 2022.

Realização:

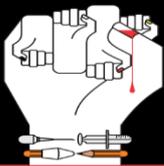


UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



Apoio:





hegemônica, permitindo uma análise mais profunda sobre os aspectos do controle da audiência e da manipulação do conteúdo.

Em 2020, ano de pandemia, que provocou um confinamento em sociedade devido a disseminação do vírus da covid-19 no Brasil e no mundo, uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública², em parceria com o Instituto Datafolha, apontou que 24,4% das mulheres acima de 16 anos afirmaram ter sofrido algum tipo de violência ou agressão durante a pandemia em 2020. O estudo destacou ainda que o percentual representa 17 milhões de mulheres vítimas de violência física, psicológica ou sexual.

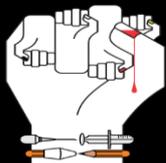
De acordo com a pesquisa, 61,8% das mulheres que sofreram violência em 2020 afirmaram que sua renda familiar diminuiu. 46,7% das que se declararam vítimas da violência também perderam o emprego. O relatório ainda destacou que 4,3 milhões de mulheres foram agredidas com tapas, socos e chutes. Isso equivale, segundo os dados, que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia em 2020.

Considerando o contexto pandêmico e a realidade socioeconômica brasileira, cabe refletir e analisar o papel do jornalismo na construção das narrativas quando as denúncias sobre violência doméstica se efetivam e se tornam públicas. Todos os dias, dezenas de acontecimentos são reportados nos programas jornalísticos de mídia hegemônica. As pessoas que acessam esses meios de comunicação buscam informação sobre os mais diversos assuntos que pautam o cotidiano, entre eles, a violência contra as mulheres, praticada de forma sistemática no Brasil. Desse modo, pensar o jornalismo, é também pensar seu papel como influenciador do debate público sobre temas centrais na reprodução da sociabilidade capitalista, generificada e racializada.

Dessa maneira, o presente estudo tem como questão central demonstrar como a linguagem utilizada pelos programas do Bahia Meio Dia potencializa a invisibilização e o silenciamento das vítimas de violência doméstica, empregando a dramatização e o sensacionalismo para manipular a informação e explorar o corpo feminino em detrimento da denúncia sobre a violência estrutural do patriarcado. Essa escolha deve-se ao fato do jornalismo hegemônico ser um aparelho privado da burguesia para justificar e promover o sociometabolismo do capital e todas as hierarquias e desigualdades que o constitui.

² Pesquisa disponível no site: <https://www.camara.leg.br/noticias/797543-violencia-contra-as-mulheres-nas-ruas-cai-durante-a-pandemia-mas-aumenta-dentro-de-casa/> >. Acesso em: 16/05/2022.





METODOLOGIA

Para Mc Combs e Shaw (1993, p. 65 *apud* Traquina 2005, p. 15-16) a mídia tem a sua própria agenda e “os media podem não nos dizer o que pensar, mas são surpreendentemente bem-sucedidos quando nos dizem o que pensar”. Os enquadramentos dos programas de mídia hegemônica buscam fazer com que a sociedade se reconheça e estabeleça algum grau de comunicação com o que está sendo transmitido. De tal modo, fomentar a produção de notícias sensacionalistas, que exploram a violência como forma de consolidar a audiência em números, enquanto alimenta a competição com outros programas jornalísticos, também é um meio de dominar o monopólio da informação e dialogar com uma formação social fundada sob o signo da violência:

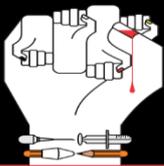
A teoria do agendamento sublinha uma forte mudança no paradigma dominante da teoria dos efeitos dos media e significa uma redescoberta do poder do jornalismo não só para selecionar os acontecimentos ou temas que são noticiáveis, mas também para enquadrar estes acontecimentos e/ ou temas (TRAQUINA, 2005, p. 16).

Para investigar como a mídia constrói as relações de poder a partir das notícias serão utilizados as definições de Charaudeau (2005, p. 68-70), que delimita a informação como um contrato midiático. Para o autor, a mídia organiza a linguagem dos enunciados em dados externos que compreende a condição de identidade, de finalidade, de propósito e de dispositivo e também em dados internos que são definidos pelo espaço de locução, de relação e de tematização.

Para a seleção dos programas será realizado um levantamento sobre os 262 episódios, entre março e dezembro de 2020, e desse total serão analisados apenas aqueles que contêm denúncia ou a constatação de crimes de violência doméstica. Realizado o recorte, o material será decupado e posteriormente analisado a partir das categorias que serão estabelecidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A invisibilidade nasce, de acordo com Voirol (2005), no discurso da visibilidade. Cotidianamente os programas de mídia hegemônica relatam os mais diversos crimes de violência doméstica e fazem parecer que a luta pela visibilidade acontece nas construções



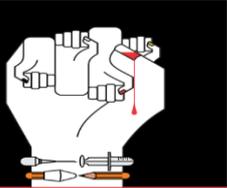
dessas narrativas. Contudo, uma análise mais profunda revela que o objetivo dessas publicações, em parte, não é reconhecer as vítimas da violência, mas fazer parecer que elas são visíveis, quando na verdade, a narrativa condena essas mulheres a um lugar de mais opressão e trata o crime como se ele pudesse ser interpretado de maneira subjetiva, reforçando assim seu poder de influenciar a leitura dos acontecimentos.

Para Genro Filho (1987), a influência da mídia sobre a interpretação da realidade só pode ser mudada quando o indivíduo que recebe a informação compreende que os acontecimentos são fatos incompletos e se permite questionar o próprio espaço social no qual está inserido. Se o patriarcado é um fenômeno estruturado socialmente, que contribui para a manutenção da violência doméstica contra a mulher, é necessário responsabilizar a sociedade pela mudança radical de comportamento e a promoção de políticas públicas que visem garantir os direitos das mulheres na prática.

Entre os interesses capitalistas e a produção das notícias que circulam cotidianamente na sociedade, a mídia se consolidou como a mediadora entre o acontecimento e a realidade. Essa atuação entre as duas esferas, junto a um cenário jornalístico movido por relações econômicas e políticas-ideológicas que cobram cada vez mais por velocidade e instantaneidade para a publicação dos fatos, somado aos modelos historicamente construídos pelo patriarcado, é possível observar que a mídia pode contribuir para a produção da invisibilidade dos crimes de violência doméstica contra as mulheres. Em grande parte de suas manchetes, prioriza os detalhes da violência e não articula com as condições econômicas e sociais que a perpetuam na sociedade brasileira.

Para Safiotti (2004), o patriarcado é responsável por fomentar as mais variadas formas de violência contra as mulheres e está inserido em quase todas as estruturas sociais. Por ser um sistema de dominação secular, parte da sociedade acaba por normalizar a dominação dos homens sobre as mulheres:

Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado. Ainda que não se possa negar o predomínio de atividades privadas ou íntimas na esfera da família e a prevalência de atividades públicas no espaço do trabalho, do Estado, do lazer coletivo, e, portanto, as diferenças entre o público e o privado, estão estes espaços profundamente ligados e parcialmente mesclados. Para fins analíticos, trata-se de esferas distintas; são, contudo, inseparáveis para a compreensão do todo social (SAFIOTTI, 2004, p. 54).



CONCLUSÕES

O presente estudo ainda está em andamento como pesquisa para a dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A pesquisa tem por objetivo apontar como as narrativas sobre a violência doméstica, construídas pelo programa Bahia Meio Dia, pode invisibilizar e silenciar as vítimas a partir da utilização da linguagem, do sensacionalismo e da dramatização, bem como da exploração do corpo feminino como forma de garantir a audiência do veículo. Os resultados, portanto, ainda estão em fase de investigação e análise.

580

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica. Invisibilidade. Jornalismo.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 1. ed. SP: Contexto, 2005. Editora brasiliense, 1993. p. 285.

GENRO FILHO. **O segredo da pirâmide ou a essência do jornalismo**. In: O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. p. 183-202.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Graphium Editora, 2011. p. 144

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Santa Catarina: Editora Insular, 2005. p. 176.

VOIROL, Olivier. **Les luttes pour la visibilité. Esquisse d' une problématique. Réseaux**. n. 129-130, p. 12- 26, 2005/1. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2005-1-page-89.htm> Acesso em: 22 de abril de 2022.

Realização:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



MUSEU PEDAGÓGICO



Apoio:



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



CAPES